

Resumidamente, pode-se depreender, dos resultados indicados nas tabelas, que os usuários de ambas as instituições, em sua maioria, têm formação de nível médio (curso secundário ou superior incompleto); exercem um variadíssimo rol de profissões, no qual as ligadas à música não são, absolutamente, majoritárias; e se tornaram um público assíduo e cativo. Enfim, as instituições são freqüentadas exatamente pelas pessoas às quais se destinam: o grande público.

A maioria dos usuários demonstra utilizar a busca independente. Pensava-se, inicialmente, que a escolaridade pudesse interferir na independência do usuário em sua busca, o que se mostrou uma idéia errônea. O hábito de uso, isto é, a freqüência se mostrou mais significativa, embora não determinante.

Quanto à forma de busca, que deve influenciar diretamente nossas representações bibliográficas, surgiram como informações essenciais: responsabilidades (variadas: autor, intérprete, entre outras possíveis); termos de indexação (tema/assunto, gênero/forma, período); títulos (de obra e de disco). De modo geral, o usuário já traz consigo essas informações utilizadas na busca, às quais se acrescentam o que se denominou informações relacionais: isto é, não diretamente sobre o item que busca, mas a ele relacionadas, como as informações bibliográficas ou históricas. Interessante verificar que, às vezes, o usuário conhece a letra ou a melodia da música desejada – e esta é sua forma de busca.

Existe uma diferença quantitativa entre a forma de busca e os elementos considerados indispensáveis. Por exemplo: houve um número menor de buscas por intérprete, mas este foi considerado elemento indispensável pela maioria dos respondentes. O título do disco, apesar de menos usado nas buscas do que o título da obra, foi apontado maior número de vezes do que este último. São ligeiras discrepâncias, sem maiores conseqüências. Como explicado no capítulo 2, esta é uma pesquisa de levantamento de informações significativas, qualquer que seja o percentual a ela correspondente.

Finalmente, o aspecto de maior interesse e expectativa se localizava na compreensão da ficha catalográfica. Será que realmente criamos registros bibliográficos para os bibliotecários? Os resultados se mostraram muito interessantes: apenas 17% compreendem todas as informações; aproximadamente 50% entendem, de forma parcial, o registro bibliográfico. No entanto, se pretendemos atingir o grande público, parece lógico que devamos procurar outro caminho mais fácil, para chegar também aos outros 50%.

Quanto aos fatores que interferem na compreensão do registro, não foi possível identificá-los. Os resultados apontaram que nem a escolaridade, nem a profissão, nem a freqüência se mostraram

relevantes para a compreensão dos elementos. Houve até um comentário à margem de um pós-graduado, que escreveu: “Muito confuso” – e houve pessoas de nível primário e secundário que acertaram todas as questões. O que absolutamente não significa que não precisemos aprimorar nossos registros.